

O ENCONTRO COMO TECNOLOGIA LEVE DE CUIDADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM IDOSOS NA ATENÇÃO BÁSICA

Idoso; Atenção primária; Educação em saúde

Introdução

O envelhecimento populacional na contemporaneidade traz desafios que extrapolam o manejo clínico de patologias crônicas, alcançando dimensões subjetivas e sociais. Dentre essas, a solidão e o isolamento social emergem como determinantes sociais críticos, frequentemente associados ao sofrimento psíquico e à consequente medicalização da velhice, evidenciada pelo uso expressivo de psicotrópicos. No cenário da Atenção Básica, os grupos de convivência funcionam como tecnologias leves de cuidado. Justifica-se este relato na necessidade de fortalecer ações interprofissionais baseadas na Educação Popular em Saúde, visando transcender o modelo biomédico tradicional. O objetivo deste trabalho é relatar a vivência de residentes de saúde coletiva na implementação de estratégias voltadas ao fortalecimento de vínculos afetivos e à promoção da saúde mental e do uso racional de fármacos em um grupo de idosos.

Métodos

Trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa, desenvolvido por residente da área de Farmácia, no contexto de uma residência multidisciplinar integrada em saúde coletiva. A ação foi realizada junto a um grupo de convivência de idosos que se reúne semanalmente em uma unidade básica de saúde. O processo metodológico envolveu observação participante, acolhimento por meio de tecnologias leves de cuidado e a realização de rodas de conversa pautadas na Educação Popular em Saúde. As discussões integraram saberes técnicos e experiências de vida dos usuários, abordando a subjetividade e fornecendo orientações dialogadas sobre medicalização e alternativas não farmacológicas de cuidado.

Resultados / Discussão

A inserção da residente permitiu acompanhar a forte integração e o protagonismo dos participantes, que utilizam o espaço para compartilhar saberes, expressões artísticas e vivências. Durante as dinâmicas e momentos de integração, observou-se que o convívio atua como uma ferramenta direta de resistência à solidão. Relatos significativos dos usuários evidenciaram que os encontros semanais representam um espaço de horizontalidade e acolhimento onde o sofrimento subjetivo é ressignificado pela coletividade. A mediação interprofissional proporcionou um ambiente seguro para discutir o uso racional de medicamentos, tensionar a dependência de psicotrópicos e validar as redes de apoio sócio afetivas como práticas terapêuticas legítimas e promotoras de autonomia no território.

Considerações Finais

A experiência evidenciou que a intersetorialidade e a atuação interprofissional são fundamentais para a consolidação de um cuidado integral no Sistema Único de Saúde. O grupo de idosos revelou-se um potente dispositivo de Educação Popular, capaz de minimizar os impactos do isolamento social na saúde mental e qualificar o entendimento comunitário sobre a terapêutica medicamentosa. Conclui-se que o fortalecimento de tecnologias leves na atenção primária é indispensável para valorizar o protagonismo da população idosa e desmedicalizar o processo de envelhecimento.

Referência Bibliográfica

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007. BRASIL. Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, n. 19). TELLES, N. L.; POLL, M. A. O uso de psicotrópicos por idosos e a medicalização do envelhecimento. *Revista Kairós: Gerontologia*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 285-305, 2018.